

O aspecto como fonte dos diferentes graus de (a)gramaticalidade nas mini-oracões livres adjetivais*

(The aspect as source of (a)grammaticality variable degree in adjectival free small clauses)

Christine da Silva Pinheiro¹

¹ Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)/ Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
christine.pinheiro@gmail.com

Abstract: The goal of this paper is to show the role of the aspectuality in the puzzle of free small clauses. The correct interpretation of the aspectual value shall allow an adequate generalization and more accurate description of the data. It will help to know whether the copula is actually needed in a sentence or not.

Keywords: free small clauses, predicative small clauses, aspect, predicative absolute small clauses.

Resumo: O objetivo desse trabalho é mostrar o papel da aspectualidade no enigma das small clauses livres. Interpretar corretamente o valor aspectual da absoluta permitirá uma melhor generalização e uma descrição mais apurada dos dados. Ajudará a prever a necessidade ou não da cópula na sentença.

Palavras-Chave: small clauses livres, small clauses predicativas, aspecto, small clauses absolutas predicativas.

1. Introdução

Neste trabalho examinaremos a intrigante agramaticalidade de alguns adjetivos quando prepostos sem cópula (cf (01)) e a paradoxal gramaticalidade dos mesmos quando em predicacão secundária (retratada em (02)). Em outras palavras, tentaremos responder o porquê de alguns adjetivos não aceitarem estar prepostos sem cópula (observável pelo contraste de gramaticalidade quando se considera - ou não - o fragmento parentetizado nos exemplos (1)) enquanto outros facultarem ambas as possibilidades (vide exemplo (3)). Recobriremos um enigma ainda mais intrigante: porque esses mesmos adjetivos (que, em *small clauses* livres, só podem ocorrer com cópula) podem vir prepostos sozinhos à esquerda quando estão em uma predicacão secundária (caso dos exemplos (2)).

- (1) a. * (É/Está) Vermelho, esse tapete!
b. *(Está) Grávida, a Maria!
- (2) a. Vermelho, esse tapete desbota ao sol.
b. Grávida, a Maria vive indisposta.
- (3) a. (É) Rápida, essa entrega!

- b. (Está) Gostoso, esse sorvete!
- c. Rápida, essa entrega chega em 5 minutos.
- d. Gostoso, esse sorvete acaba rápido.

Adotando a proposta desenvolvida por Pinheiro (2008) - que considera as *small clauses* livres como pertencentes ao grupo das *small clauses* absolutas predicativas¹ - o objetivo deste artigo será examinarmos como o aspecto pode ajudar a entender e explicar o paradigma dessas construções.

O trabalho possui a seguinte estrutura: na seção 2 apresentaremos o problema e o tratamento que este vem recebendo na literatura. Na seção seguinte, discutiremos como o aspecto pode ser tratado dentro do paradigma apresentado. A seção 4 será devotada às características aspectuais dos dados apresentados.

Concluiremos apresentando, na seção 5, a importância de adotar uma nova perspectiva aspectual para os núcleos dessas construções e como essa caracterização aspectual afeta o comportamento das sentenças.

2. Small clauses livres e small clauses absolutas predicativas: o que são e em que trabalhos surgiram

2.1. Small Clauses Livres e sua relação com small clauses absolutas predicativas

As construções ora analisadas (veja (4)) apresentam um adjetivo predicativo preposto ao DP. Nota-se, porém, que nem toda a gama de adjetivos aceita tal preposição com a ausência da cópula como atesta a agramaticalidade de 4 (c-d). Movidos por tal indagação, os trabalhos de Kato (1988, 1988) apresentam originalmente essas curiosas *small clauses* denominando-as '*small clauses* livres'.

- (4)
- a. Rápida essa entrega!
 - b. Gostoso esse sorvete!
 - c. * Redondo esse pote!
 - d. * Bêbado o Joaquim!

Pinheiro (2008) aponta as limitações das análises apresentadas por Kato. Frente a essa evidência propõe que essas sentenças figurem em um subconjunto das *small clauses* absolutas predicativas seguindo a distinção elaborada por Dini (1994) e Marín (1996, 2000, 2002).

Tais autores distinguem as construções predicativas das aspectuais. Uma distinção justificável pelas diferentes propriedades dessas construções. Dentre essas diferenças ressaltam-se as seguintes propriedades das *small clauses* aspectuais que inexistem nas predicativas: (i) imperatividade da presença de um DP sujeito à esquerda,

¹ Essa relação de inclusão (*small clauses* livres com um subconjunto de *small clauses* absolutas predicativas) é feita com vistas à distinção entre *small clauses* predicativas e aspectuais trabalhada em Dini (1994) e Marín (1996, 2000, 2002).

(ii) incompatibilidade com negação, (iii) impossibilidade de comportar predicados *individual level*, (iv) exclusão de outros predicados que não os eventivos.

Outro forte argumento a favor dessa distinção reside na dualidade de leituras encontradas em *small clauses* absolutas predicativas, mas não em absolutas aspectuais. Mais precisamente, *small clauses* absolutas predicativas possuem tanto a leitura terminativa com anterioridade (a situação descrita na absoluta ocorre e termina antes da situação expressa pela matriz) como uma leitura de simultaneidade dos eventos. Para as aspectuais, porém, a única leitura possível é a terminativa.

Como veremos abaixo as sentenças que são objeto de investigação nesse artigo conformam-se com as predicativas, já que não incorporam as restrições das aspectuais.

Mais do que inexigibilidade, há inaceitabilidade de um DP sujeito à esquerda nessas construções (ilustrado pelo contraste de gramaticalidade entre as alíneas em (5 a-b) e (5a'-b)). Nesse ponto, diferem das predicacões secundárias, nas quais ambas as ocorrências são possíveis (exemplos (5 c-d) e suas respectivas alíneas).

- (5) a. Rápida, essa entrega ontem!
a'. ?? Rápida essa entrega, ontem!
b. Gostoso, esse sorvete recém-lançado!
b'. ?? Gostoso esse sorvete, recém-lançado!
c. Rápida, essa entrega chega em 5 minutos.
c'. Rápida essa entrega, ela chega em 5 minutos.
d. Gostoso, esse sorvete acaba logo.
d'. Gostoso esse sorvete, ele acaba antes de derreter.

Ao testarmos a propriedade (ii) verificamos que não há incompatibilidade com negação desde que respeitadas questões de seleção sintática. Assim, não é possível termos uma negação por 'não' (6a' - 6d'), mas é possível negar a partir de outras palavras negativas como 'nada' (6a - d). Tal fato relaciona-se ao caráter de negação frásica do 'não' em oposição ao caráter de negação argumental do 'nada'.

Note-se ainda, quanto a este ponto, que a inserção de um auxiliar torna aceitável inclusive a presença do 'não' (as sentenças em (6 a' - d') corporificam este teste).

- (6) a. Nada rápida, essa entrega.
a'. Não *(é) rápida, essa entrega.
b. Nada gostoso, esse sorvete.
b'. Não *(é) gostoso, esse sorvete.
c. Nada rápida, essa entrega só chega no dia seguinte.
c' Não*(sendo) rápida, essa entrega só chega no dia seguinte.
d. Nada gostoso, esse sorvete fica na geladeira até vencer o prazo de validade.

d'. Não*(sendo) gostoso, esse sorvete fica na geladeira até vencer o prazo de validade.

A propriedade de comportar exclusivamente predicados *stage level* – terceira propriedade listada- também não se sustenta nesses casos. *Small clauses* livres assim como as predicções secundárias comportam tanto predicados *individual level* (IL) quanto *stage level* (SL).

Embora a correspondência não seja inequívoca, estamos utilizando as cópulas ‘ser’ e ‘estar’ como emblemas respectivamente de IL e SL. A possibilidade de algumas sentenças comportarem as duas cópulas advém de seus adjetivos poderem ora se comportar com IL, ora como SL a depender do contexto (ou de modificadores adicionais como, por exemplo, ‘hoje’).

- (7)
- a. (Está/ É) Rápida essa entrega!
 - b. (Está) Quente esse café!
 - c. (É) Gostosa essa cadeira!
 - d. (Está/ É) Interessante esse filme!

Quanto ao argumento da dupla interpretação, este só é avaliável em sentenças mais complexas com dupla predicção. Isto porque é necessário ter um evento expresso na matriz para que tal situação (as interpretações sentenciais das situações) tenha visibilidade.

- (8)
- a. Rápida, essa entrega chega em 5 minutos.
 - b. Gostoso, esse sorvete acaba rápido.

Os exemplos apresentados acima permitem apreender a simultaneidade dos eventos descritos na absoluta e na matriz. A leitura de anterioridade, embora não seja única e quiçá a mais saliente também é possível ao contemplar o evento da absoluta como uma causa da qual o evento da matriz é decorrente.

Com exceção da caracterização aspectual (discutida oportunamente nas próximas seções), as demais características apresentam evidências para incluir-se as construções estudadas no conjunto das *small clauses* absolutas predicativas.

2.2. A importância do Aspecto nas construções absolutas: diferentes visões

2.2.1. Relevância do caráter eventivo: eventivizável X evento

De forma geral, boa parte dos trabalhos com construções absolutas – tornando relevantes, ou não, as distinções entre *small clauses* e *full clauses*, entre predicativas e aspectuais ou presença *versus* ausência do NP sujeito nas absolutas - ressalta a relevância do aspecto na descrição e explicação do fenômeno.

Assumindo uma categoria funcional aspectual – AspP - ou codificando o aspecto em traços lexicais, os autores atribuem direta ou indiretamente grande parte das restrições assim como sua diversidade tipológica à aspectualidade.²

Muitos imputam a distinção entre gramaticalidade e agramaticalidade à presença ou não de sintagmas eventivos na estrutura à esquerda. Quando nessas estruturas encontramos (i) um núcleo marcado já no léxico por um traço de evento, ou (ii) não portando tal traço, que na derivação encontre algum modificador que possa torná-lo gramaticalmente um evento, o sintagma será aceito na absoluta.

Há casos em que essa exigência é alcançável apenas com a inserção do predicador (adjetivo, particípio, etc.), em outros, o predicador não se constitui propriamente como um evento, sendo apenas eventizável. Quando é eventizável faz-se necessária a introdução de outros elementos, tais como argumentos ou auxiliares, a fim de tornarem todo o sintagma um evento no cômputo do cálculo gramatical.

Essa análise explicará o bem notado fenômeno das absolutas do Espanhol ao permitir (9) e rechaçar (10).

- (9) a. Construidas las casas...
 ‘Construídas as casas ...’ (MARÍN, 1996, p. 5)
- b. Una vez descubierta la vacuna por Esteban, se comercializará.
 ‘Uma vez descoberta a vacina por Esteban, será comercializada’ (MARÍN, 2000, p. 224)
- c. Siendo Juan tímido, no abrió la puerta
 ‘Sendo Juan tímido, não abriu a porta’ (HERNANZ, 1991, p. 99)
- (10) a. *Construidas casas, ...
 ‘Construídas casas ...’ (MARÍN, 1996, p. 5)
- b. ?? Descubierta la vacuna por Esteban, se comercializará.
 ‘Uma vez descoberta a vacina por Esteban, será comercializada’ (MARÍN, 2000, p. 249)
- c. *Tímido Juan, no abrió la puerta / * Juan tímido, no abrió la puerta.
 ‘Tímido Juan, não abriu a porta/ Juan tímido não abriu a porta’ (HERNANZ, 1991, p. 99)
- (11) a. *De buena familia Juan, ...
 ‘De boa família Juan, ...’
- b. *Siendo Juan completamente de buena familia.
 ‘Sendo Juan completamente de boa família’ (HERNANZ, 1991, p. 108)

Os exemplos (a) de (9) e (10) ilustram a distinção entre eventos e eventividade no item lexical. Formados pelo “mesmo” verbo ‘construir’, este é lexicalmente apenas eventizável, pois dependerá de um complemento quantificado ([+ SQA]) para tornar-se um evento ao nível gramatical (nível do VP). Ao encontrar um *bare plural* como em

²Eis alguns tipos de distinções tipológicas: absolutas livres x adjuntos livres; *small clauses* absolutas *versus full clauses* absolutas; absolutas de particípio X todas as demais; absolutas gerundivas *versus* absolutas participais e predicativas X aspectuais

(10a) passa a ser um processo, sendo excluído de absolutas aspectuais. Fato que motivará a agramaticalidade do exemplo.

As sentenças (9-10 b) apresentam situação similar. A passiva ‘descoberta’ dependerá interpretativamente de outros elementos para lhe confirmar o caráter eventivo. A ausência de modificadores, como ‘uma vez’ pode gerar uma leitura de culminação (*achievement*) tornando a sentença degradada.

O último exemplar dos pares de sentença (9 -10) apresenta um caso adjetival. Este, não sendo lexicalmente um evento, só será aceito se eventizado. É o que ocorre quando acompanhado pelo verbo ‘ser’ em (9c).

O exemplo (11) mostra que não basta um auxiliar para salvar a sentença – o que se poderia interpretar como sendo um problema de ausência de flexão – é preciso que o elemento adicionado (argumento, auxiliar ou advérbio) modifique o aspecto da sentença, colaborando para sua leitura eventiva.

2.2.2. A perfectividade

Há autores que defendem a perfectividade como fator limítrofe entre a gramaticalidade e agramaticalidade de algumas sentenças. Há que se considerar, porém, que esses estudos fecham os olhos para a distinção trabalhada por Dini e Marín entre as construções aspectuais e as predicativas. As primeiras, mas não as segundas excluem sentenças cujo evento descrito pela absoluta não seja temporalmente anterior – e, portanto, terminado - em relação evento da matriz.

É o caso de Leborans (1995) que, descartando tal diferença, não deixa de atestar o valor fulcral do aspecto. A autora aborda o fenômeno da (a)gramaticalidade das sentenças como resultado da conjunção entre valor eventivo e valor aspectual habilitador da dimensão temporal de sintagmas sem flexão temporal visível.

O aspecto perfectivo será, em seu trabalho, apenas um dentre os possíveis valores aspectuais capazes de habilitar uma construção absoluta.

Hernanz (1991) filia-se à tradição evocando a perfectividade que emerge do traço [+V] presente nos núcleos do sintagma absoluto. Dessa forma, o traço verbal de perfectividade codificaria o aspecto: apenas núcleos marcados positivamente teriam habilidade para subcategorizar um argumento eventivo.

Apenas eventos seriam permitidos em sentenças absolutas. O que explicaria a necessidade que alguns adjetivos apresentam de serem modificados por sintagmas que impliquem em um valor perfectivo na absoluta quando seu núcleo não é eminentemente perfectivo.

Como se pode perceber a perfectividade convém especialmente às teorias que separam as sentenças nucleadas por participios das demais.

Uma contra-evidência empírica a pura e simples adoção de tal traço vem das sentenças absolutas predicativas que permitem leitura de simultaneidade de eventos (logo, sem perfectividade na absoluta) não contemplável quando se adota o pressuposto de que a perfectividade é condição necessária para a gramaticalidade da absoluta.

O caminho mais apropriado seria detalhar melhor a eventividade – o que não significa abandonar o valor da perfectividade, apenas relativizá-lo- de forma a entender

como esta possa, enfim, estender-se a adjetivos que, a priori, seriam entendidos como estados.

2.2.3. Retornando ao evento: distinção por traços

Preocupado com a distinção casual encontrada nos sujeitos pronominais da absoluta em italiano (permite acusativos) e espanhol (geralmente nominativos), Martín (2006) defende a existência não apenas de projeções aspectuais como de traços que codifiquem a distinção aspectual de quantificação. Serão esses traços em interação com a projeção de categorias funcionais aspectuais (quando conformes ao valor *default* ativado) ou não (quando possuem valores diferenciados) regidos pelo tipo de estrutura (se ativa ou passiva) que determinarão o caso dos DPs e a aceitabilidade, ou não, de determinados sujeitos.

Ao reavaliar e acrescentar novos dados, autores como Dini e Marin contestam tamanha generalização por verem tipos diferentes de construções absolutas, a saber: aspectuais e predicativas. Tal distinção não é mera casualidade ou pendor classificatório. Afeta a interpretação temporal das sentenças e reflete restrições sintáticas também diversas.

Uma das razões desta distinção está na inclusão de núcleos adjetivos em absolutas predicativas (como se comprova pela gramaticalidade de (13)) que são sumariamente excluídos nas aspectuais. Distinção empiricamente corroborada pela agramaticalidade dos exemplos (12) construídos sobre o mesmo núcleo que gerou sentenças absolutas predicativas gramaticais em (13).

(12) a. *Acariciada su mujer, ...

‘Acariciada sua mulher,...’

b. *Conducido el coche,...

‘Conduzido o coche,...’

(13) a. María, acariciada por su marido, ...

‘Maria, acariciada por seu marido, ...’

b. El coche, conducido por Emilio, ...

‘O coche, conduzido pelo Emílio, ...’

(MARIN, 2002, p.1)

Essa e outras diferenças surgem condicionadas ao aspecto de tais núcleos. Se em absolutas aspectuais só são admissíveis predicados de eventos; em absolutas predicativas ocorrem tanto predicados eventivos como não eventivos correspondendo, grosso modo, a categoria das ocorrências na tipologia de Mourelatos (1981).

A impossibilidade da leitura durativa em absolutas aspectuais segue do fato dessas construções abortarem VPs que contenham traço de duratividade na sentença absoluta. A duratividade maior do evento da absoluta responderá diretamente pela possibilidade de se ter eventos simultâneos na matriz e na absoluta. Em outras palavras, como o evento apresentado na absoluta aspectual não deve ser durativo, mas terminativo, sua duração não pode ser estendida de forma a coincidir com o evento

descrito pelo predicado da matriz, resultando na impossibilidade de leituras ambíguas para aspectuais.

De forma similar, a variação que as absolutas predicativas exibem entre permitir, ou não, uma leitura de duratividade e uma terminatividade está relacionada ao aspecto da absoluta. Enquanto as não eventivas limitam-se a interpretação de simultaneidade de eventos, as que possuem um predicado exclusivamente eventivo permitem ambas. Tal constatação decorre diretamente dos traços que tais VPs comportam: se em eventos têm disponível tanto o traço terminativo como o durativo, se em não eventivos dispõem apenas do traço durativo.

Grosso modo, podemos generalizar as *small clauses* absolutas aspectuais como estando em distribuição complementar de traços em relação as *small clauses* absolutas predicativas.

Fica claro também que há, nesse ponto, uma interação entre o aspecto da matriz e da absoluta derivados da temporalidade explícita, ou não, dos eventos apresentados.

Essa interação é capaz de anular algumas possibilidades de leitura predizíveis pelos traços de duratividade e terminatividade. Um exemplo advém de culminações na sentença matriz. Tais eventos por comportarem curtos períodos de tempo dificultam a leitura de simultaneidade com o evento da absoluta. É o que demonstra o exemplo seguinte.

(14) a. Irritada com o assunto, Joana levantou

b. Irritada com o assunto, Joana já começou a entregar os relatórios aos participantes

Embora, comportem a mesma sentença absoluta, as interpretações são diferenciadas devido à temporalidade do evento da matriz. A sentença (a) exclui (ou dificulta) a simultaneidade, por comportar uma culminação (*achievement*).

Favorecimento a leitura de anterioridade também pode ser visto quando evocamos uma temporalidade distinta (passado X futuro) entre essas sentenças. É o caso de (15):

(15) a. Questionado pelos jornalistas, o técnico não dará explicações.

b. Questionado pelos jornalistas, o técnico sentiu-se acuado.

O único caso em que se consegue interpretar como simultâneos os eventos de (15a) é empregando uma leitura de probabilidade futura ao participio ‘questionado’³. De tal forma, anula-se o vão temporal que inviabiliza semanticamente tal interpretação e retorna-se à dupla interpretação.

Em suma, vemos que, além dos traços apresentados no quadro abaixo, é crucial que os tempos da absoluta e da matriz coincidam (para ocorrer a leitura de simultaneidade) ou que sejam temporalmente consecutivos (para emergir a de anterioridade).

Quadro 1. Sumário dos traços presentes nas *small clauses* absolutas

³ A leitura que permite essa probabilidade futura é: se for questionado pelos jornalistas, o técnico não dará explicações.

Tipo de Sentença	Terminativo	Durativo
<i>Small clauses</i> absolutas aspectuais	+	-
<i>Small clauses</i> absolutas predicativas eventivas	+	+
<i>Small clauses</i> absolutas predicativas não- eventivas	-	+

(MARÍN, 1996, p.19)

2.3. A aspectualidade no subconjunto estudado: há relevância?

Admitindo, portanto, que as *small clauses* livres são um exemplar de *small clauses* absolutas predicativas como poderíamos computar seu aspecto?

Lexicalmente estaremos tratando de núcleos adjetivos. Tais categorias são tomadas na literatura aspectual como estados. Resta explicar qual seu aspecto predicativo, isto é, seriam predicados eventizáveis ou não eventizáveis?

É necessário ainda verificar como o correto entendimento do cálculo aspectual do predicado da absoluta poderá (ou não) contribuir para a explicitação das restrições encontradas e dos casos de agramaticalidade, com especial relevo para a indispensabilidade da cópula junto a alguns adjetivos predicativos da absoluta.

3. O grande paradigma

Frente a sentenças tão similares como as que encontramos no contraste entre (16) e (17) o que será responsável por tornar as últimas, mas não as primeiras agramaticais, posto que todas são formadas por um adjetivo preposto e predicando sobre um DP à direita?

- (16) a. Gostoso, esse sorvete!
b. Quente, esse café!
- (17) a. * Redondo, esse pote!
b. * Grávida, a Maria!
c. * Alucinado, o Márcio!

Outra questão que surge em uma primeira sondada nos dados concerne ao papel da presença de cópulas expressas (como as que vemos em (18)). Notamos que estas são capazes de ‘salvar’ as sentenças (17). Deve-se observar ainda que não se trata de uma única cópula – ‘ser’ ou ‘estar’- para todas as sentenças, caso em que seriam suscetíveis de explicação unicamente via distinção *IL* (predicado de indivíduo) *X SL* (predicado de cena).

- (18) a. É redondo, esse pote!
b. Está grávida, a Maria!

c. Está alucinado, o Márcio!

Admitindo que dados como (16 - 18) apresentem uma amostra de *small clauses* absolutas predicativas, causa-nos estranhamento o fato de sentenças como (19) serem gramaticais quando confrontadas as contrapartes (17) sem predicação secundária.

(19) a. Redondo, esse pote dificulta o aproveitamento do espaço da geladeira.

b. Grávida, a Maria sente enjôos quase todos os dias.

c. Alucinado, o Márcio não consegue dirigir com prudência.

A pergunta que se impõe, a partir de então é: qual o papel da predicação secundária na gramaticalidade dessas sentenças, uma vez que envolvem os mesmos adjetivos e são paralelas a (17)?

Há relação entre os fenômenos, isto é, o aspecto salvífico de sua presença é derivado de uma única fonte? Qual?

Para explorar esse paradigma encontramos três hipóteses plausíveis: i) há alguma propriedade especial nesses adjetivos que os impedem de ser prepostos ao DP; ii) há uma restrição relacionada ao tipo de construção/predicação envolvida nesses casos ou iii) há uma interação entre o tipo de construção e os adjetivos presentes nas construções agramaticais.

A primeira solução é empiricamente contrariada já que é possível termos a seqüência ADJ>DP em situações de complemento de verbos como *achar*, *considerar*, etc. Os dados (19) ratificam a improcedência da primeira hipótese levantada. Neles, o peso maior à direita do adjetivo retifica sua pertença ao rol dos adjetivos que permitem a predicação à esquerda sem cópula, como se percebe ao confrontá-los com (17).

Calculada no contraste entre as sentenças construídas na forma direta (DP> ADJ) e indireta (ADJ> DP), a segunda hipótese busca explicar a questão como fruto de uma característica especial da construção, já que há uma uniformidade na agramaticalidade quando os adjetivos estão pospostos ao DP.

Um forte contra-argumento à segunda hipótese diz respeito à dificuldade de encontrar dados empíricos agramaticais quando se tem outra categoria que não a adjetival como predicadora (a esse respeito veja (20)).

(20) a. Sem noção, essa garota!

b. Um gato, aquele ator!

c.. Uma lesma, aquela atendente!

d. Sem açúcar esse refrigerante!

e. De graça, esse convite!

Se fosse uma restrição devida exclusivamente ao tipo de construção, seria esperado encontrarmos agramaticalidade em construções envolvendo outras classes além dos adjetivos.

Da análise de (19) advém uma questão: há influência de peso fonológico à direita ou influência da predicação principal?

As construções em que essa predicação aparece como complemento de verbos avaliativos como ‘perceber’, ‘julgar’, ‘achar’ (21) favorecem a proposta de influência da predicação principal.

- (21)
- a. Eu achei rápida essa entrega !
 - a´. Eu achei essa entrega rápida!
 - b. Eu considero gostoso esse sorvete !
 - b´. Eu considero esse sorvete gostoso!
 - c. Eu achei quente esse café !
 - c´. Eu achei esse café quente!
 - d. Eu considero belíssima essa estampa !
 - d´. Eu considero essa estampa belíssima!
 - e. Eu julguei estupendo esse corte!
 - e´. Eu julguei esse corte estupendo!
 - f. Eu acho comportada essa saia !
 - f´. Eu acho essa saia comportada!

E surge a questão: Qual o tipo de influência? Como não há categorias lexicais expressas interligando a sentença, as opções recaem sobre aspectos temporais ou actuais que conectam essas sentenças.

Por fim, a terceira hipótese parece adequar-se mais aos dados quando considera como fonte do paradigma a conjunção de características dos diferentes adjetivos e das construções em que aparecem.

Um ponto empírico a favor dessa hipótese é a melhora no nível de gramaticalidade dessas sentenças quando os adjetivos aparecem acompanhados de modificadores. É o que se verifica ao contrastar a agramaticalidade das sentenças sem os modificadores (entre parênteses) em (22) com as que o possuem.

- (22)
- a. *(Muito) bêbado, o João (ontem)!
 - b. *(Pouco) vermelho, esse tomate da caixa!
 - c. *(Bem) redonda essa mesa!
 - d. *(Totalmente) alucinado, o Márcio!

Esse contraste ressalta uma característica importante dessas sentenças: sua avaliatividade. Podemos perceber que à medida em que aumenta o caráter avaliativo do falante maior é a aceitabilidade da sentença.

Sentenças que envolvem adjetivos entendidos como frutos de observação direta, ou com pouca influência do falante sobre a situação relatada, tendem à agramaticalidade.

Dessa forma, adjetivos entendidos como objetivos como os de forma e cor resultam em graus maiores de gramaticalidade se comparados aos que envolvem maior julgamento como sabor e beleza.

A partir dessa observação falta considerar como a avaliatividade atua na derivação de forma a resultar no paradigma apresentado.

Nossa hipótese é que a avaliatividade é codificada no aspecto lexical dos itens adjetivais. Em outros termos, temos no léxico dois tipos de adjetivos: estativos e eventivos para os avaliativos, mas apenas estativos para os não-avaliativos.

4. O papel da aspectualidade: Esses adjetivos são realmente estativos?

Como primeiro passo na análise, vamos assumir que o aspecto dos adjetivos fosse estativo, como é corrente assumir para essa constelação de predicadores.

Nesse caso, deveria apresentar as seguintes características sintáticas levantadas por Smith (1991): não aceitar progressivos, não aparecer como complementos de verbos que forcem agentividade, não aceitar auxiliares inceptivos ou ingressivos, não aparecer em pseudoclivadas e não aparecer com advérbios de duração indireta, apenas com os de duração simples ou instantânea.

A inaceitabilidade de progressivos – testada em (23) - responde pelo traço de estaticidade dos estativos. O teste, contrariamente as expectativas, prova haver aceitabilidade em *small* clauses livres com progressivos.

- (23)
- a. Está ficando gostoso, esse sorvete!
 - b. Está ficando quente, esse café!
 - c. Está ficando belíssima, essa pintura!

Também relacionado com estaticidade, a proibição de aparecerem como complementos de verbos que forcem agentividade e/ou volição está relacionada com o traço [+dinâmico], inexistente em estativas. Os verbos de controle forçam a inserção de um agente externo que introduz uma mudança de estado. Uma mudança que força o término do estado, o que não é característico dessa classe aspectual. As sentenças (24) mostram esse teste.

- (24)
- a. Eu convenci /persuadi *(a Maria a achar gostoso), esse sorvete!
 - b. Eu convenci /persuadi *(o Júnior a provar) quente, esse café!
 - c. Eu convenci /persuadi *(a Isabella a achar) belíssima, essa estampa!

Ainda que, à primeira vista, as sentenças pareçam não aceitar esses verbos na matriz conformando-se a classe dos estados, deve-se considerar as características específicas das construções absolutas.

Sentenças absolutas apenas permitem a inserção de um agente via preposição. Se tal item é inserido (conforme se fez entre parênteses) as sentenças resultantes são boas. Afasta-se, assim, o falso positivo para o teste de estatividade, já que está relacionado com s-seleção e não com a incompatibilidade entre os traços aspectuais que se deseja testar.

A terceira característica – não aceitar inceptivo ou ingressivo - tem dupla motivação: esses modificadores forçam a imperfectividade e focalizam um processo.

A gramaticalidade das sentenças (25), testando esta característica, corrobora a hipótese de que tais construções não se comportam sintaticamente como estados.

- (25)
- a. Começou a ficar gostoso, esse sorvete!
 - b. Manteve-se quente, esse café!
 - c. Pôs-se a ficar belíssima, a noiva!

Testando a quarta característica (não aparecer em pseudo-clivadas) obtemos inicialmente um resultado favorável à estatividade.

- (26)
- a. O que o sorvete é, é gostoso.
 - b. O que o café é, é quente.
 - c. O que essa estampa é, é belíssima.

Não podemos, contudo, descartar a distinção interpretativa entre essas sentenças e a que está no foco de investigação. Como alerta Modesto (2003), construções clivadas são sentenças especificacionais (= identificacionais) em que o movimento sintático dispara leituras de contraste, exclusividade e exaustividade. Nossas sentenças contrariamente são claramente predicativas, o que invalida tal teste.

O último teste arrolado é o da incompatibilidade com advérbios de duração indireta. Tal incompatibilidade é explicada pelo fato desses advérbios implicarem em atividade. Abaixo, há o teste com advérbios de duração indireta e com os de duração simples, compatíveis com estados (27).

- (27)
- a. Gostoso *em/? por vinte minutos (apenas), esse sorvete!
 - b. Quente *em/ por alguns minutos, esse café!
 - c. Belíssima *em/ por duas horas, essa estampa! (Contexto: ‘depois desbota’)

Considerando que, no total de testes, apenas um dos cinco testes resultou compatível com estatividade, tomamos como inapropriado considerar tais sentenças como simples estativas.

Esse resultado corrobora nossa hipótese de que essas sentenças não são verdadeiros estados quando têm um caráter avaliativo. Defendemos que tais sentenças igualam-se às que apresentam eventos perceptuais tais como ‘ver o João andando’, ‘cheirar a flor’. Essas sentenças envolvendo experiência visual, sensorial ou resultado de atividades cognitivas são reconhecidas na literatura (MOURELATOS, 1981; SMITH, 1997) não como estativas, mas como culminações (*achievements*).

Essa classe aspectual (culminações) apresenta certa similaridade com os estados por apresentarem um único estágio, porém apresentam um ponto determinado para acontecer: o momento em que há o julgamento, ou o reconhecimento da propriedade.

Não apresentam uma relação parte/todo, sendo compatível com a característica demonstrada em tais construções. De forma paralela não se pode estender a condição de verdade de tais sentenças por todo um período de tempo.

Por fim, podemos realçar o foco lexical de *achievements*: o resultado. Notadamente, nas *small clauses* livres que viemos trabalhando não há foco sobre a avaliatividade, mas sobre o resultado da avaliação codificado na adjetivação resultante.

5. Concluindo

Este trabalho mostrou a inadequação de se entender *small clauses* livres adjetivais como aspectualmente estativas. Ressaltando suas características sintáticas defendemos tratar-se de processos culminados.

Espera-se que uma análise futura e mais detalhada dos dados seja capaz de explicar tecnicamente como o aspecto influencia o aparecimento ou não das cópulas. Por ora, o que temos é que sentenças cuja caracterização como *accomplishment* está menos evidente por não representarem o resultado de um julgamento precisam estar acompanhadas de cópulas.

Cópulas afetam o cálculo aspectual ao nível gramatical. Portanto evidencia-se que adjetivos não avaliativos precisem sofrer uma mutação aspectual para aparecerem na posição de absoluta (prepostos). Nessa condição deixariam de ser estativos.

As sentenças de predicação secundária aceitam todos os tipos de adjetivos por influência da interação entre aspecto da matriz e o aspecto da absoluta. O aspecto da matriz induz a uma leitura de mudança de estado, realçando o caráter eventivo (e de culminação), alterando o cálculo aspectual da absoluta.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COMRIE, Bernard. *Aspect: An Introduction to the Study of Verbal Aspect and Related Problems*. United Kingdom: Cambridge University Press, 1976. 142 p.

DINI, Luca. Aspectual constraints on Italian absolute phrases. *Quaderni Del Laboratorio Di Linguistica*, Pisa, n. 08, p.52-87, 1994. Anual. Disponível em: <<http://alphalinguistica.sns.it/QLL/QLL94/LD.Aspectual.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2007.

FILIP, Hana. *Integrating Telicity, Aspect and NP Semantics*. University of California at Berkeley. Disponível em: <<http://semanticsarchive.net/Archive/WZhZDI0N/>>. Acesso em: 28 nov. 2000.

HERNANZ, Maria Luisa. Spanish absolute constructions and aspect. *Catalan Working Papers In Linguistics: CATWPL*, Barcelona, v. 1, n. 1, p.75-128, 1991.

KATO, Mary Aizawa. A terceira cópula no português: Comunicação apresentada no Workshop de Sintaxe e Semântica. In: WORKSHOP DE SINTAXE E SEMÂNTICA, 1., 1998, Campinas. [s. L.]: Não Publicado, [s. d.]. p. 01 - 11.

KATO, Mary Aizawa. Free and dependent small clauses in Brazilian Portuguese. In: *COMUNICAÇÃO NO GT DE TEORIA GRAMATICAL DA ANPOLL*, 3., 1988, Rio de Janeiro. [s. L.]: Não Publicado, [s. d.]. p. 01 - 21.

LEBORANS, María Jesus Fernández. Sobre Construcciones Absolutas. *Revista Española de Lingüística*, Madrid, v. 25, n. 2, p.365-395, 1995.

LÓPEZ, Luis.(1994) The internal structure of absolute small clauses. *Catalan Working Papers In Linguistics: CATWPL*, Barcelona, v. 4, n. 1, p.45-92, 1994.

MARÍN, Rafael. De nuevo sobre construcciones absolutas. *Círculo de Lingüística Aplicada A La Comunicación (clac)*, Madrid, n. 10, p.01-01, maio 2002. Trimestral. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/circulo/no10/marin.htm>>. Acesso em: 24 jul. 2007.

MARÍN, Rafael. *El componente aspectual de la predicación*. 2000. 291 f. Tese (Doutorado) - Curso de Lingüística I Literatura, Departamento de Filologia Espanhola, Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona, 2001. Disponível em: <<http://www.tdx.cesca.es/TDX-0726101-094043/>>. Acesso em: 20 set. 2007.

MARÍN, Rafael. Aspectual properties of spanish absolute small clauses. *Catalan Working Papers: CATWPL*, Bellaterra, v. 2, n. 5, p.183-212, 1996.

MARTÍN, Juan. Las construcciones de participio absoluto y su relevancia para la teoría de caso. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL DE LA SOCIEDAD ESPAÑOLA DE LINGÜÍSTICA, 35., 2005, León. *Actas del XXXV ...*. León: Universidad de León, 2006. p. 1196 - 1212.

MODESTO, Marcello. A interpretação das sentenças clivadas. In: MULLER, Ana Lucia; NEGRÃO, Esmeralda Vailati; FOLTRAN, Maria José. *Semântica Formal*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 189-204.

MOURELATOS, Alexander P. D. Events, processes, and states. In: TEDESCHI, Philip J.; ZAENEN, Annie; ANDERSON, Stephen R. (Org.). *Syntax and Semantics: Tense and Aspect*. 14. ed. New York: Academic Press, 1981. p. 191-212.

PINHEIRO, Christine da Silva. As construções absolutas adjetivais no português brasileiro. In *Anais do Seminário de Teses em Andamento*. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, 2008. (a sair)

SMITH, Carlota S. *The parameter of aspect*. Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 1991.

* Gostaria de agradecer as sugestões e a leitura atenta deste artigo feita da Prof^a. Dr^a. Sonia Cyrino e pelos dois pareceristas anônimos. Desnecessário mencionar que todos os erros e mal entendidos são de minha responsabilidade.

